

Incorporações e Divertimentos

Por

Helder Coelho

FCUL

RESUMO:

“O que conta num caminho, o que interessa numa linha, é sempre o meio, nunca o fim ou o princípio.”
Gilles Deleuze, in *Dialogues*, 2002.

Serão os divertimentos, pequenos exercícios de exploração, capazes de iluminarem os problemas complexos, ou meras escapadelas? O que nos faz começar a pensar e a produzir conjecturas? Estas duas perguntas marcam um espaço de diálogo sobre a arte de construir problemas, aliás o motor para a concepção de estratégias de I&DE. Inventam-se problemas para se encontrarem soluções, e ao mesmo tempo reflectem-se os modos de caminhar e de passar em revista as dificuldades que nos obrigam a parar, e muitas vezes mesmo a voltar atrás. Quando se investigam mistérios, como os da mente, trabalha-se muito sobre o futuro, a evolução e a mudança.

Na presente palestra apresentam-se alguns divertimentos recentes, onde a alma e o corpo de um agente se complementam. A deriva filosófica é assumida com o propósito de interrogar os modos como os afectos se instalam para regular a potência de agir e de organizar, num espaço balizado entre as crenças e os desejos. Fazer do corpo uma potência que não se reduz ao organismo, fazer do pensamento uma potência que não se restringe à consciência, eis um programa para olhar para a relação E (alma, corpo), numa época onde os contrários são quase sempre motores de conflitos e de oposições, jamais de harmonias. Daí, optarmos por mantermos os desejos sob pressão enquanto incorporamos dispositivos e mecanismos para traduzir os estados de alma de uma personagem artificial.

No contínuo entre o pensamento e o comportamento os dois extremos surgem quase sempre como contrários, embora os agentes inteligentes sejam causadores e devam articular o poder de serem guiados por objectivos (mentalismo) com a capacidade de agirem (comportamentalismo), num contexto político, social e colectivo. Quer isto dizer, sem a via mentalística é impossível distinguir várias interacções sociais (coordenação incoerente, ajuda accidental), que são essenciais quando enfrentamos a complexidade: a racionalidade associa comportamentos aos estados mentais de um agente, e um tal desideratum surge mais como ajuda do que entrave ao olhar holístico.

Finalmente, discute-se o caso das multitudes em que cada um dos membros do grupo “se afasta” do líder (por movimento centrífugo), podendo assumir ou não a liderança por substituição (agentes auto-motivados). Este enfoque ilumina o intercâmbio entre poder e potência, um tema assaz interessante na simulação baseada em sistemas multiagente.

